

# A relação entre as categorias *tempo* e *aspecto* e o ensino de língua portuguesa: como fazem os livros didáticos?

## The relationship between *tense* and *aspect* categories and the teaching of the portuguese language: how do textbooks do it?

Maria Auxiliadora Ferreira Lima\*  
Rodrigo Alves Silva\*\*

### RESUMO

Este trabalho objetiva analisar como dois livros didáticos de Língua Portuguesa de 6º ano (*Tecendo Linguagens* e *Apoema*) abordam a relação entre as categorias linguísticas *tempo* e *aspecto*. A pesquisa parte da discussão sobre tais categorias à luz da perspectiva da Enunciação, baseada em Benveniste (2006), Flores (2013), Travaglia (2016) e outros, e sobre ensino de língua materna, fundamentada em Possenti (1996), Antunes (2007), Bagno (2001) e Neves (2003). Analisou-se a visão de língua e de gramática das autoras em cada obra, como também os exemplos e os enunciados das questões referentes às categorias. Além disso, fez-se um comparativo entre os dois livros, o que apontou semelhanças quanto às atividades de identificação de tempos verbais e diferenças quanto à abordagem das categorias, pois enquanto o livro *Tecendo Linguagens* prioriza questões mais formais, privilegiando a categoria *tempo*, o livro *Apoema*, além da abordagem formal de *tempo*, suscita reflexões quanto ao *aspecto* e os sentidos produzidos por ele.

**Palavras-chave:** Tempo. Aspecto. Livros Didáticos. Ensino de língua.

Recebido em 31 de maio de 2020.

Aceito em 9 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.449>

\*Universidade Federal do Piauí, [dora.fl@uol.com.br](mailto:dora.fl@uol.com.br), <https://orcid.org/0000-0001-9831-5075>

\*\*Universidade Federal do Piauí, [rodrigoalvessilva@hotmail.com.br](mailto:rodrigoalvessilva@hotmail.com.br), [orcid.org/0000-0001-9783-5589](https://orcid.org/0000-0001-9783-5589)

#### ABSTRACT

This research aims to analyze how two Portuguese language textbooks from the 6th grade middle school (*Tecendo Linguagens e Apoema*) approach the relationship between the linguistic categories *tense* and *aspect*. The research has as a starting point the discussions about those categories in light of the Enunciation perspective based on Benveniste (2006), Flores (2013), Travaglia (2016), among others; and about mother tongue teaching, supported by Possenti (1996), Antunes (2007), Bagno (2001), and Neves (2003). The matter analyzed were the author's viewpoint about language and grammar in each textbook, as well as the examples and questions' statements referring to the categories. Furthermore, a comparison was made between the two books, which pointed out similarities addressing the activities to identify verbal tenses, and differences regarding the categories' approach, thus while the book *Tecendo Linguagens* prioritize more formal questions, favoring the *tense* category, the textbook *Apoema* also elicits reflections about the *aspect* category, besides the formal *tense* approach, and meaning making.

**Keywords:** Tense. Aspect. Textbooks. Language teaching.

## Introdução

A proposta deste trabalho é investigar o tratamento dado à relação entre as categorias *tempo* e *aspecto* verbal em livros didáticos de Língua Portuguesa de 6º ano. As obras em análise se intitulam *Tecendo Linguagens e Apoema* e pertencem a duas coleções de livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), em sua edição de 2020. Essas e outras coleções são destinadas às escolas públicas e devem ser utilizadas durante o quadriênio 2020-2023.

A pesquisa realizada se justifica pela necessidade de discussões sobre ensino de língua que fuja do modelo tradicional, em que se priorizam nomenclaturas e classificações, como as dos tempos verbais, e se promova, cada vez mais, um ensino de língua articulado com as práticas de leitura e de escrita no cotidiano, conforme defendem Possenti (1996), Antunes (2007), Bagno (2001, 2002) e Neves (2003), entre outros. Para analisar a abordagem das categorias, partiu-se dos conceitos sobre *tempo* e *aspecto*, à luz da perspectiva da enunciação, em articulação com as questões relacionadas ao ensino de língua materna.

Em termos metodológicos, fez-se a análise de cada obra, observando, principalmente: a) a visão de língua e de gramática das autoras em cada livro; b) o modo de abordagem das categorias *tempo* e *aspecto* nas seções sobre verbo e; c) os exercícios propostos para os alunos. A análise das obras permitiu estabelecer um contraponto entre ambos os livros, possibilitando verificar pontos convergentes e divergentes.

Quanto à organização, este trabalho se estrutura da seguinte forma: primeiramente, faz-se uma discussão teórica sobre as categorias linguísticas *tempo* e *aspecto*; em seguida, discorre-se sobre questões de ensino de língua à luz dos documentos oficiais e de autores que discutem ensino de língua materna; posteriormente, apresenta-se a análise dos livros didáticos, seguida das discussões. E, por fim, a conclusão.

## **1. As categorias *tempo* e *aspecto* à luz da enunciação**

### **1.1 Categoria *tempo***

Assim como a *pessoa* e o *espaço*, o *tempo* faz parte das categorias da enunciação. Para conceituar a categoria *tempo*, é necessário, primeiramente, distinguir o tempo físico, o tempo cronológico e o tempo linguístico. Benveniste (2006, p. 71) define tempo físico como “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade”. É possível entender esse tempo como o intervalo entre o início e o fim de um movimento do mundo físico, como o dia é o intervalo entre o início e o fim do movimento de rotação da Terra.

Relacionado a este tempo está o tempo cronológico, denominado por Benveniste (2006) de tempo *crônico*, que é o tempo dos acontecimentos, que engloba nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. Para o autor, é este tempo que faz parte da nossa visão de mundo e da nossa existência pessoal, pois é com ele que localizamos os acontecimentos no tempo. Como afirma Benveniste (2006):

Nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem nem o instante que acaba de passar. Nossa vida tem portanto pontos de referência que situamos exatamente numa escala reconhecida por todos, e, aos quais ligamos nosso passado imediato ou longínquo (BENVENISTE, 2006, p. 71).

A fim de medir o tempo crônico a partir de suas experiências, o homem utiliza o calendário, que serve de cômputo desse tempo baseado na recorrência dos fenômenos naturais. Além disso, segundo Benveniste (2006), a organização do tempo crônico nos calendários segue algumas condições. A primeira condição é a *estativa*, a qual estabelece um momento axial que serve de ponto de partida para o cômputo. Esse ponto de partida geralmente é um acontecimento muito importante, como o nascimento de Cristo no calendário Ocidental.

A segunda condição é a chamada *diretiva*, a qual se enuncia pelos termos opostos “antes/depois”, a partir de um eixo de referência, como se faz, por exemplo, na marcação de tempo do calendário cristão em “século V a. C.” e “século V d. C.”. A terceira condição é a *mensurativa*, que consiste na utilização de unidades de medida para nomear intervalos constantes entre fenômenos da natureza, como “dia”, “mês”, “ano” etc. Assim, o tempo crônico utiliza eixos de referência para situar melhor os acontecimentos no tempo, conforme afirma Benveniste:

São estes pontos de referência que dão posição objetiva dos acontecimentos, e que definem também nossa situação em relação a estes acontecimentos. Eles nos informam no sentido próprio onde estamos na vastidão da história, qual o nosso lugar em meio à sucessão infinita dos homens que viveram e das coisas que aconteceram (BENVENISTE, 2006, p. 73).

Com isso, nota-se a objetividade do tempo crônico, já que ele propõe medidas e divisões uniformes em que se situam os acontecimentos, sendo que

estes não podem ser confundidos com o tempo, porque os acontecimentos apenas estão no tempo.

Diferentemente do tempo físico e do tempo crônico ou cronológico, o tempo linguístico se caracteriza por estar organicamente ligado ao exercício da fala, ou seja, o tempo linguístico é estabelecido no momento da enunciação. Tal momento da enunciação é tomado como referência para localizar o tempo do acontecimento.

Dessa forma, a língua se utiliza de formas para expressar a categoria de tempo, por isso não se deve confundir formas linguísticas com tempo, uma vez que *tempo* é uma localização – um acontecimento pode ser concomitante ao presente ou não concomitante ao presente (anterior ou posterior) –, já as formas linguísticas apenas representam um tempo ou uma mesma forma linguística pode representar vários tempos. Cabe ressaltar também que, como afirma Benveniste (2006), o tempo linguístico tem um ponto central, o qual é marcado no momento presente da instância da fala. Sendo assim:

Cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do ‘PRESENTE’ (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona. É evidente que este presente, na medida em que é função do discurso, não pode ser localizado em uma divisão particular do tempo crônico, porque ele admite todas as divisões e não se refere a nenhuma em particular. O locutor situa como “presente” tudo que aí está implicado em virtude da forma linguística que ele emprega. Este presente é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido (BENVENISTE, 2006, p. 75).

Sendo o centro de tempo, o presente é também o fundamento das oposições temporais da língua, pois ele constitui a linha de separação entre dois outros momentos imanentes a ele e que são inerentes ao exercício da fala: o passado, momento anterior à enunciação, e o futuro, momento posterior à enunciação. Segundo Benveniste (2006), esses dois momentos correspondem, respectivamente, ao momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo

do discurso, ou seja, deixa de ser presente e está na memória, e ao momento em que o acontecimento ainda não é presente, mas que virá a sê-lo.

Benveniste (2006) afirma que, na realidade linguística, o tempo presente é a única expressão temporal de que dispõe a linguagem, haja vista que o passado e o futuro não estão no mesmo nível do tempo que o presente. Com isso, o autor reforça a noção de tempo presente como eixo referencial do tempo linguístico, afirmando que:

A língua deve, por necessidade, ordenar o tempo a partir de um eixo, e este é sempre e somente a instância do discurso. É impossível deslocar este eixo referencial para o colocar no passado ou no futuro; não se pode mesmo imaginar o que se tornaria uma língua na qual o ponto de partida da organização do tempo não coincidissem com o presente linguístico e na qual o eixo temporal fosse ele mesmo uma variável da temporalidade (BENVENISTE, 2006, p. 76).

Desse modo, Benveniste conclui que o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso e que este presente é implícito. Outro aspecto importante destacado pelo autor é a maneira pela qual o tempo se insere no processo de comunicação. Isso acontece porque a temporalidade organizada no discurso do locutor é aceita sem dificuldade pelo interlocutor. Logo, quando o locutor produz seu discurso criando seu “ontem”, “hoje” ou “amanhã”, ele compartilha as mesmas referências temporais com o interlocutor, o qual reconhece e aceita a temporalidade, utilizando-a no momento que se tornar o locutor da comunicação. Esse é um aspecto que caracteriza a intersubjetividade da linguagem.

Apesar da possibilidade de estabelecer os acontecimentos no eixo temporal, Flores (2013) destaca que Benveniste, ao discutir sobre as relações de tempo no verbo francês, discorda da divisão tradicional do tempo em presente, passado e futuro, visto que acredita que ela é insuficiente para organizar, considerando as realidades de uso da língua, as dimensões temporais. Portanto, Benveniste (2006) propõe distribuir a complexidade

do tempo verbal em dois sistemas distintos e complementares: a *enunciação histórica* e a *enunciação de discurso*.

A *enunciação histórica*, específica da língua escrita, caracteriza a narrativa de eventos passados. Nesse caso, o tempo presente não é utilizado. Essa enunciação é marcada pelas formas de 3ª pessoa e pode prescindir a presença de um locutor. A *enunciação do discurso*, por sua vez, se caracteriza pela interação de um locutor e de um interlocutor. Nela, todos os tempos verbais estão presentes, exceto o ariosto (FLORES, 2013).

Dada a complexidade da categoria *tempo*, é mister ressaltar que, quando se trata de ensino de língua, as gramáticas e os livros didáticos têm rotulado os tempos verbais sem, contudo, considerar as situações de enunciação e a relação com a noção de *aspecto*. Além disso, tem-se atribuído exclusivamente ao verbo a noção de tempo, porém, como afirma Corôa (2005), advérbios, conjunções, numerais e adjetivos são elementos lexicais que também dão informação de natureza temporal. Segundo a autora:

Em qualquer definição, dentro de uma ou de outra teoria linguística, enfatizados no seu caráter dinâmico ou não, os verbos estão sempre associados à noção temporal. É inegável que, embora não detendo o monopólio de sua manifestação, são os verbos os elementos linguísticos que mais de imediato situam a ação, estado, evento ou processo na sua relação temporal com a enunciação e o falante/ouvinte (CORÔA, 2005, p. 34).

Devido a essa relação intrínseca entre verbo e tempo, as gramáticas e os livros didáticos discutem essas categorias em capítulos que tratam da classe gramatical *verbo*. Com isso, apresentam-se, além dos modos, os tempos verbais e suas classificações, priorizando a fixação das formas dos paradigmas verbais que caracterizam cada tempo. Esse *modus operandi* é comentado por Campos (1997), a qual também ressalta a prevalência histórica do *tempo* sobre o *aspecto*, como se vê no excerto seguinte:

A importância atribuída ao tempo gramatical nas gramáticas portuguesas e nos métodos de ensino do português decorre do facto de a nossa língua, como as outras línguas românicas, organizar o sistema verbal em torno do eixo temporal, dividido em passado e presente, ou em passado, presente e futuro, localizando o enunciador o seu enunciado em relação ao momento da sua enunciação, origem da estruturação da temporalidade discursiva. À semelhança do que ainda hoje se passa, entre outras, com as línguas eslavas, eram oposições aspectuais que constituíam a tessitura do sistema verbal em sânscrito e em grego clássico, e também naquilo que se pode reconstituir ou supor para o indo-europeu mais arcaico. Essa base aspectual manteve-se na conjugação do verbo em latim clássico com a oposição entre os temas do presente (“infectum”) e os do perfeito (“perfectum”). Mas, na evolução para as línguas românicas, a morfologia verbal vai progressivamente deslocando o seu eixo para a categoria tempo (CAMPOS, 1997, p. 11-12).

Mesmo havendo essa prevalência do *tempo* em detrimento do *aspecto*, não se pode negar a existência deste, tendo em vista que “é na interpretação das duas categorias – aspecto e tempo – que se constrói a significação” (CAMPOS, 1997, p. 11). Por conta disso, a noção de aspecto deve ser entendida, no intuito de esclarecer sua relação com os tempos verbais. É o que se discute no tópico seguinte.

## **1.2 Categoria *aspecto*, sua relação com *tempo* e construção de sentidos**

Castilho (1968) define *aspecto* como sendo a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. Esta categoria expressa uma ideia mais concreta e objetiva da ação, porquanto exprime as diferentes maneiras de se conceber a constituição temporal interna de uma situação.

A noção aspectual não é expressa apenas pelo verbo, posto que, como afirma Castilho (1968), o *aspecto* é uma categoria de natureza léxico-sintática, pois, em sua caracterização, interagem o sentido que a



raiz do verbo contém e elementos sintáticos, tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional.

Travaglia (2016), em seus estudos sobre o aspecto verbal no português, define tal categoria da seguinte forma: “**Aspecto** é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação” (TRAVAGLIA, 2016, p. 43. Destaque no original).

A partir desse conceito, observa-se que *aspecto* é uma categoria relacionada ao tempo, já que indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização. Dessa forma, deve-se considerar que uma das diferenças entre a categoria *tempo* e a categoria *aspecto* é o valor dêitico. O tempo é dêitico, uma vez que aponta para o momento da ação (anterior, concomitante ou posterior à situação). Já o *aspecto* não é dêitico, conforme Travaglia (2016), pois ele se refere à situação em si. Como ele afirma, “o **tempo** é ‘um TEMPO externo à situação’ e o **aspecto** é ‘um TEMPO interno à situação’” (TRAVAGLIA, 2016, p. 42. Destaques no original).

Outro ponto destacado no conceito de *aspecto* é a duração da ação, que leva em conta o desenvolvimento, o completamento e a realização da situação. O desenvolvimento da situação se constitui de três fases: início, meio e fim. O completamento da situação constitui-se de duas fases: a da situação incompleta e a da situação completa. E a realização da situação, por sua vez, possui três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não acabada e a da situação acabada (TRAVAGLIA, 2016). O *aspecto* então exprime com mais objetividade e concretude determinados valores temporais, pois se refere à situação em si.

Travaglia (2016) apresenta noções semânticas aspectuais em enunciados do português. Duas dessas noções são a duração e a pontualidade. Segundo o autor, as duas noções são opostas: a primeira marca uma ação mais duradoura, e a segunda marca uma situação cujo início e término ocorrem

ao mesmo tempo ou em intervalo de tempo muito curto. A duração pode ser limitada, quando é possível identificar o início ou o fim ou a duração da situação ou quando se percebe que se trata de uma situação finita, como ocorre nos enunciados seguintes:

8. a - Ele **estava nadando** desde às 6 horas da manhã.  
b - Sílvia **limpava** a casa desde cedo e ainda não acabara, quando voltamos.
  9. a - João **ficará estudando** até amanhã.  
b - Papai **estaria trabalhando** até as 20 horas.
  10. Antônio **ouviu** música o dia todo.
  11. a - José **lia** um romance, quando sua irmã chegou.  
b - **Estamos fazendo** um bolo para mamãe.  
c - Minha cabeça **tem doído** muito.
- (TRAVAGLIA, 2016, p. 46. Destaques no original).

Observa-se que, em tais enunciados, o valor temporal é expresso pelas formas verbais, como também pelos advérbios ou locuções adverbiais presentes. Isso reforça o que se disse anteriormente sobre a não exclusividade do verbo de expressar a categoria *tempo*, bem como a categoria *aspecto*. Nas sentenças acima, fica clara também a noção aspectual de duração a partir do uso desses elementos linguísticos.

Importante ressaltar que, quando se trata de ensino, o professor deve chamar a atenção não só às formas verbais com vista na classificação, mas também destacar as noções aspectuais envolvidas. Tomando o enunciado 10 como exemplo, é possível que um professor, em suas aulas sobre *Tempo Verbal*, ensine o aluno a rotular a forma “ouviu” como pretérito perfeito, expressando uma situação pontual. Contudo, a locução “o dia todo” contribui para entender que tal situação não foi pontual, mas teve uma duração explicitada no enunciado. Por conseguinte, é necessário levar em conta, sobretudo no ensino de língua portuguesa, as relações entre *tempo* e *aspecto* e que os valores nos enunciados não são dados, mas construídos no e pelo enunciado, como afirma Culioli (1990).

Ainda quanto aos tipos de duração, Travaglia (2016) apresenta a duração ilimitada, a qual aparece normalmente em frases indicativas de situações, “eternas” ou sentidas como tal numa dada época. Essa noção aspectual está presente em provérbios ou em princípios científicos. Eis alguns exemplos mostrados pelo autor:

12. A Terra **gira** em torno do Sol.
  13. A mocidade **busca** a mocidade. (C. dos Anjos)
  14. Este cachorro **morde**.
  15. A verdade não **envergonha**.
  16. As almas condenadas **vaguearão** para sempre.
  17. Os bons **serão** felizes na vida eterna.
  18. Meu avô **era** pessoa de boa índole.
  19. O clube **ficava** no topo da colina.
- (TRAVAGLIA, 2016, p. 47. Destaques no original).

Ao observar os enunciados acima, notam-se formas verbais normalmente classificadas como presente do indicativo, futuro do presente e pretérito imperfeito. No entanto, Travaglia (2016) chama a atenção ao fato de esses tempos não estarem sendo expressos nos enunciados, porque o que está implícito é a noção aspectual. Tomando como exemplo o enunciado 14, não se pode afirmar que está no tempo presente, porque a ação não está ocorrendo no momento em que se fala. À vista disso, considera-se que se trata de aspecto, e o enunciado traz uma afirmação que pode ser considerada atemporal.

Ainda quanto à relação entre tempo presente e aspecto, Corôa (2005) faz uso da concepção de Otto Jespersen de que o presente pode ser considerado como um ponto movendo-se continuamente para a direita, vendo-o também como o limite entre o passado e o futuro. A autora cita ainda a observação de Heiz Vater de que o presente, como forma não marcada, pode servir para expressar também passado e futuro. Os exemplos citados por Ferrarezi Jr. (2014, p. 76) mostram esse aspecto: “*Eu estava na balada na semana passada e me chega aquele mala...; Estou aqui pensando se eu estou na festa de amanhã*”

*e me dá um desmaio*”. No primeiro exemplo, toma-se como referência o verbo no passado (estava) que atua como localizador do evento expresso pela marca verbal no presente (me chega), mas que está situado no passado; no segundo, a marca verbal no presente do indicativo (estou na festa) remete a um evento que ocorrerá no futuro e é usado como momento de referência (MR) de outro evento localizado também no futuro em um outro ponto: p1 “estar na festa” e p2 “ter um desmaio”.

O uso de uma marca verbal no tempo gramatical *presente* não implica necessariamente contemporaneidade com o momento da enunciação. É o que mostra, por exemplo, os enunciados “A terra gira em torno do sol” e “Este cachorro morde”, em que predomina o valor aspectual. O *presente* representa o tempo semântico em que o momento da fala (MF), o momento do evento (ME) e o momento de referência (MR) são simultâneos, como em “Neste momento pedimos a sua ajuda”. Vale ressaltar que a simultaneidade ocorre na articulação da marca temporal *neste momento* com o verbo no presente do indicativo. Mas nem sempre essa simultaneidade ocorre. Em enunciados que expressam verdades atemporais, como mostra o exemplo “A terra gira em torno do sol”, esses três momentos se manifestam de maneira distinta. Nesse tipo de enunciado,

o tempo em que a terra gira em torno do sol se configura como infinito e é nessa perspectiva de infinitude (MR) que o evento é visualizado. Dessa forma o ME deve ser forçosamente simultâneo com alguns dos momentos que formam o MR – por ele ser infinito. Pela mesma razão nele também se insere o MF (CORÔA, 2005, p. 46).

Corôa (2005), ao discorrer sobre a relação entre *tempo* e *aspecto*, afirma que, enquanto o primeiro é propriedade, ao mesmo tempo, da sentença e da enunciação, o segundo é propriedade apenas da sentença, pois não se refere ao momento da enunciação. Como ressalta Sousa (2007), o aspecto costuma ser decomposto em aspecto gramatical e aspecto lexical. O primeiro está relacionado ao modo como os tempos verbais delimitam ou não as situações,

e o segundo remete ao modo como a situação é definida pelo verbo e seus argumentos. Para Corôa (2005), no português, o *aspecto* é uma categoria essencialmente gramatical que atinge todos os verbos independentemente do valor semântico de seu radical. Define-o da seguinte forma:

Uma definição de aspecto por oposição a *tempus* vale-se desta característica: os eventos se desenvolvem de um estado inicial para um final. Quando uma visão espacial do processo – desenvolvimento – não é relevante, consideramo-lo pontual, como fizemos ao definir os *tempora* do português. Entretanto, as distorções aspectuais residem justamente na propriedade que o evento tem de se “estender” por um espaço de tempo: daí ser o aspecto muitas vezes identificado com a duração. Mas esta propriedade está inadequadamente caracterizada: a noção temporal que se expressa no aspecto transcende a uma representação linear do tempo (CORÔA, 2005, p. 67).

A definição da autora reforça, mais uma vez, a relação entre as categorias *tempo* e *aspecto* na ação verbal. Desse modo, é mister conceber ambas as categorias nas análises de enunciados e perceber como tais relações ajudam a construir os sentidos.

Tendo em vista a necessidade de exploração dessa construção de sentidos, toma-se ainda como base a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antonie Culioli. Para a teoria, deve-se haver uma preocupação com a função de cada marca linguística no contexto enunciativo. Conforme Cumpri (2012), considera-se também a funcionalidade de cada unidade da língua ao examiná-la no enunciado como um todo; recupera-se a noção de unidade por entender o enunciado como um construto organizado e dotado de sentido por estar relacionado a outros enunciados e que cada enunciado é um fenômeno dinâmico e destinado a um movimento constante de reformulação (atividade parafrástica).

Para Culioli (1990), a atividade da linguagem não consiste apenas em veicular significados, mas também produzir e reconhecer as formas enquanto traços de operações de representação, referenciação e regulação.

O autor defende que a significação não é dada, mas construída no e pelo enunciado. Além disso, é importante ressaltar que “a análise da significação de um enunciado é indissociável da análise das condições que permitem a construção dessas significações” (FRANCKEL, 2011, p. 46).

Portanto, Cumpri (2012) afirma que o sentido é indissociável do contexto, mas o contexto construído no próprio texto, não aquele concebido pela Pragmática, que leva em conta o uso concreto da linguagem, com enfoque nos sujeitos falantes. A noção de sentido defendida por Cumpri (2012) pode ser observada em enunciados cujas marcas são substituídas por outras e em que se notam mudanças de significação:

“Que grande homem!” e “Que grande coisa!” atribuem valores distintos a *grande*: intensidade apreciativa e intensidade depreciativa, respectivamente. Por outro lado, se não fossem os termos *homem* e *coisa*, o termo *grande* não assumiria o mesmo valor. Quer dizer, o sentido oriundo dessa articulação não se mantém mediante a comutação lexical, mesmo que seja de um mesmo campo semântico: “Que grande adulto masculino!” “Que grande objeto!” (CUMPRI, 2012, p. 15. Destaques no original).

Com isso, observa-se que a identidade semântica de cada termo da língua depende das ocorrências e dos valores que cada ocorrência fornece e nisso repousa a síntese do pensamento culioliano sobre a indeterminação da linguagem. Como afirma Franckel (2011):

Nunca observamos nos enunciados o valor próprio ou primeiro de uma unidade, visto só existirem unidades cujo sentido se constrói no e pelo enunciado. O instável é, aqui, primeiro, e a estabilização só se estabelece por meio das interações da palavra com o meio textual que a cerca, essas interações, revelando, segundo hipótese que sustenta a teoria, princípios regulares (FRANCKEL, 2011, p. 51).

Tais noções sobre significação quebram determinados paradigmas quando se trata do ensino de língua e dos valores postos. Pensar em significados

prontos e impassíveis de mudanças é, no mínimo, desprezar a natureza dinâmica da linguagem em seus diversos níveis, sobretudo no nível semântico. A análise que se faz aqui tenta, de certo modo, mostrar possibilidades de análises e interpretações de verbos em diferentes aspectos e tempos, o que permite encarar a linguagem e seu caráter heterogêneo e complexo.

Após a discussão teórica sobre *tempo*, *aspecto* e construção de sentidos, parte-se para reflexões mais pedagógicas sobre ensino de língua. Essa discussão se torna necessária pelo fato de haver uma estreita relação entre livro didático e ensino. Dessarte, a visão de língua e o modo de abordagem que assume o livro didático refletem diretamente na prática pedagógica (e vice-versa).

## **2. Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa**

O ensino de língua portuguesa no Brasil, historicamente, tem se caracterizado pela priorização do ensino de gramática tradicional, com o objetivo de ensinar a língua “correta”, em detrimento das variações linguísticas existentes. No entanto, as pesquisas linguísticas e os documentos oficiais que tratam do ensino de língua materna têm orientado quanto às práticas de ensino que levem em conta o uso da língua e priorizem a leitura e a produção de textos orais e escritos, com o propósito de dar ao aluno plena competência comunicativa.

As discussões sobre o que se deve ensinar nas aulas de português, fundamentadas em autores como Possenti (1996), Antunes (2007), Bagno (2001, 2002), Neves (2003) e Travaglia (1996), desvelam ser ineficaz o ensino que prioriza a gramática tradicional, que impõe suas regras prescritivas e suas classificações e nomenclaturas. Tais autores defendem um ensino reflexivo, que priorize as práticas de leitura e de escrita, reconhecendo estruturas formais e utilizando-as, sempre visando à produção do texto oral ou escrito. Isso é previsto também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos (BRASIL, 1998, p. 29).

Diferentemente disso, o ensino tradicional da gramática normativa nas escolas tem privilegiado as regras listadas em compêndios gramaticais e em livros didáticos, com fim em si mesmo. No entanto, um segundo ponto precisa ser ponderado: ensinar gramática não deve ser ensinar uma lista de regras e de nomenclaturas, mas sim levar o aluno a refletir sobre estruturas formais em textos monitorados e como essas estruturas produzem significado. Portanto, o ensino de gramática deve ser baseado na *análise linguística*, que consiste, segundo Bezerra e Reinaldo (2013), em uma postura teórica, a qual propõe uma forma diferenciada de observar os dados da língua, e uma postura metodológica, utilizada em sala de aula como estratégia para o ensino reflexivo da norma-padrão.

Sendo assim, como afirmam Oliveira e Quarezemin (2016, p. 29), “pode-se de fato ensinar gramática tradicional, mas que isso seja feito dentro de uma perspectiva que entende o que é uma gramática e para que ela serve”.

No que tange ao ensino de verbo, geralmente, gasta-se a maior parte do tempo das aulas nas atividades de memorização das tabelas de tempos verbais, nos exercícios de conjugação, com a finalidade de aprender as formas verbais. Muitas vezes, essas atividades são realizadas sem reflexão, desconsiderando o sentido que tais tempos verbais podem exprimir dentro do contexto e que podem relevar intenções comunicativas do sujeito enunciador. Sobre isso, Vargas (2010) comenta que:

Nas gramáticas e nos materiais didáticos (livros, apostilas, manuais de orientação ao professor etc.), o tratamento dado ao verbo, em geral, limita-se à exposição de modelos de conjugação, com todas as formas temporais e modais, sem que se explique, por exemplo, por que alguns verbos permitem certas construções e outros não. Também não se esclarecem as razões do uso de locuções e perífrases verbais, em vez da



adoção das formas simples. Tais modelos não dão conta, portanto, de toda a significação possível do verbo. Infelizmente, não se discute o essencial, isto é, as marcas que o sujeito enunciador deixa de si mesmo ao utilizar as formas verbais para expressar-se, oralmente ou por escrito, e, ainda, o que pretende dizer ao ouvinte/leitor e como quer que este interprete o que foi dito (VARGAS, 2010, p. 4).

Como visto na citação, as gramáticas e os materiais didáticos deixam lacunas na abordagem do *verbo*, priorizando as formas temporais e deixando de explorar a significação que tais verbos podem exprimir em determinados enunciados. É nesse sentido que deveria haver uma relação entre *tempo* e *aspecto* nas abordagens do livro didático para que o aluno perceba as significações construídas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também prevê, como uma das habilidades gerais a serem desenvolvidas no ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental, a abordagem da categoria *aspecto*, quando menciona:

Semântica: Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e **aspectos verbais** (BRASIL, 2017, p. 81. Destaque no nosso).

Com isso, nota-se que há previsão, em documentos oficiais que tratam de ensino de língua, para a abordagem da categoria *aspecto*. Importante ressaltar também que esta é a única menção a aspecto verbal na BNCC, o que pode ser um ponto controverso, haja vista que, nas habilidades que tratam do ensino do verbo, sobretudo quanto à categoria *tempo*, dever-se-ia mencionar, sempre que possível, a relação com a categoria *aspecto*.

A partir de tais reflexões, parte-se para a análise dos livros didáticos selecionados para esta pesquisa, na intenção de desvelar o tratamento dado às categorias *tempo* e *aspecto*.

### 3. Análise dos livros didáticos

Com o intuito de melhor organizar os dados obtidos, fez-se primeiramente a análise do livro *Tecendo Linguagens*. Em seguida, são apresentados os dados obtidos no livro *Apoema*. E, por fim, é possível estabelecer uma comparação entre os dois materiais. Iniciamos a análise apresentando a visão de língua da obra e a proposta de ensino de gramática contida no Manual do Professor. O livro *Tecendo Linguagens* adota, em tese, a visão interacional e social da linguagem, tomando como base teórica os pressupostos de Bakhtin. Segundo as autoras:

Aprender uma língua não significa aprender as palavras e suas combinações, mas aprender os seus significados, que são construídos no processo de interação verbal, determinados pelo contexto. [...] Por isso, não faz sentido estudar a língua desligada da vida, do contexto real de sua enunciação (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2018, p. XXIX).

Vê-se, com isso, que as autoras afirmam defender um ensino de língua pautado na significação, levando em conta os contextos de enunciação. Contudo, o que se observa, sobretudo nas análises seguintes, é que tal abordagem não é sempre assumida quando se trata do ensino de verbo. Por esse motivo, é importante que a proposta da obra e o modo de abordagem dos conteúdos gramaticais estejam alinhados entre si e sigam o que recomendam os documentos oficiais, como os PCN e a BNCC.

Quanto ao eixo Análise Linguística/Semiótica, o qual é nosso objeto de estudo, o Manual do Professor da coleção *Tecendo Linguagens* também traz sua proposta de abordagem, a qual “focaliza procedimentos de análise e reflexão sobre os usos que fazemos dos recursos que a língua nos oferece para produzirmos enunciados em situações de comunicação diversas” (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2018, p. XXIII). As autoras comentam ainda a importância de um estudo reflexivo da gramática e dizem que o estudo da norma pela norma é pouco efetivo. Dessa maneira, a proposta de atividades anunciadas no

manual, segundo as autoras, “permitem ao aluno, com o auxílio do professor (a quem cabe dar outros exemplos retirados do contexto), construir conceitos em relação aos elementos formadores e estruturais da língua, partindo geralmente de um texto” (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2018, p. XXIII).

Diante disso, tendo em vista o que é apresentado no Manual do Professor, a natureza da abordagem a que se propõem as autoras do livro didático é a reflexiva e contextualizada, cujo texto é elemento central de estudo da língua. Contudo, mesmo que isso fique claro na apresentação da obra, alguns aspectos analisados parecem fugir um pouco dessa abordagem e acabam se harmonizando com a abordagem mais tradicional de ensino de língua, como se vê nos dados posteriores.

Os tópicos aqui analisados estão contidos na seção *Reflexão sobre o uso da língua*, especificamente nos que tratam sobre Verbo. Este conteúdo é contemplado nos capítulos 5, 6, 7 e 8. No capítulo 5, tem-se a introdução do conteúdo, trazendo a definição de verbo, a fim de apresentar, posteriormente, a noção de tempo verbal. Veja, a seguir, algumas questões referentes ao tempo verbal.

**Quadro 1.** Questões sobre formas verbais.

5. Releia mais alguns trechos da primeira notícia.

A faxina após um jogo também foi destaque na Arena Mordovia, na cidade de Saransk. Por lá, os japoneses repetiam cenas vistas na Copa do Mundo, no Brasil, e na Olimpíada do Rio, em 2016, entre outros grandes eventos.

[...]

Essa organização dos japoneses para deixar tudo limpo nas arenas esportivas surpreende muitos estrangeiros. [...] Esse é um hábito que os japoneses adquirem desde a infância.

- a) Transcreva todas as formas verbais empregadas nesses trechos.
- b) Qual dessas formas verbais foram empregadas no presente? E no pretérito?
- c) As formas verbais empregadas nesses tempos estão em primeira ou em terceira pessoa? Que efeito de sentido a escolha dessa pessoa do discurso pode produzir na notícia?

**Fonte:** Oliveira e Araújo (2018, p. 150).

No trecho acima, observa-se que o objetivo do exercício é apenas identificar, dentro do texto, as formas verbais e, a partir delas, classificar o tempo verbal. Diante disso, o que parece ser mais importante, no momento, é o reconhecimento da forma verbal e o tempo correspondente, sem explorar, contudo, os efeitos de sentido produzido pelas formas, ainda que haja o item *c* que pergunte algo relacionado ao sentido. A questão deixa de explorar outros elementos linguísticos que também contribuem para a construção do valor referencial de tempo, como “após um jogo”, “na Copa do Mundo de 2014”, “na Olimpíada do Rio, em 2016”, deixando a entender que apenas os verbos exprimem valor temporal. Essa não exclusividade do verbo em exprimir valores temporais foi mencionada, neste trabalho, com base em Corôa (2005). Outro trecho destacado do livro está relacionado à abordagem do tempo presente, em que ocorre apenas a classificação da forma, sem discutir noções aspectuais, conforme se vê a seguir:

**Quadro 2.** Questões sobre formas do tempo presente.

1. Leia o título da notícia e observe o verbo em destaque.

O Brasil **tem** 917 municípios em crise hídrica

- a) A forma verbal empregada no título da notícia expressa um fato presente, passado ou futuro?
- b) Com qual objetivo o autor empregou esse tempo verbal?

**Fonte:** Oliveira e Araújo (2018, p. 174. Destaque no original)

No enunciado em análise, a forma verbal *tem*, que corresponde ao tempo presente, também expressa noção aspectual, conforme o conceito de Travaglia (2016). Isso porque o verbo expressa uma verdade de duração ilimitada, que não corresponde exatamente ao momento da enunciação, mas que extrapola esse tempo. Em razão disso, a pergunta feita no item *a* parece desprezar a noção aspectual, haja vista que as autoras apenas pedem que os alunos classifiquem o tempo verbal. É em exemplos como esse que o livro deve abordar a significação do tempo presente com valor de *aspecto* e deixar

claro para o aluno que nem sempre o presente corresponde ao momento em que se fala. Se dissermos, por exemplo, *O Brasil tem 26 estados e um distrito federal*, nota-se que o verbo remete-se a um fato que não ocorre necessariamente no momento em que se fala, mas é um fato atemporal, que extrapola o tempo presente.

A noção aspectual é levemente abordada quando se trata dos tempos do pretérito, visando distinguir o pretérito perfeito do pretérito imperfeito, conforme é visto no quadro seguinte:

**Quadro 3.** Explicação sobre tempos verbais.

Quando queremos nos referir a algo que ocorre naquele exato momento, usamos o **presente**.

[...]

Quando desejamos nos referir a algo que já aconteceu e está totalmente acabado, usamos o **pretérito perfeito**. Isso significa que os fatos foram perfeitamente concluídos. Observe que, no trecho II da atividade anterior, o verbo *ter* expressa uma ação encerrada, concluída.

Quando desejamos nos referir a uma ação que acontecia no passado com frequência, de forma contínua, ou indicar que um fato estava acontecendo antes que outro o interrompesse, usamos o **pretérito imperfeito**.

[...]

**Fonte:** Oliveira e Araújo (2018, p. 175-176. Destaques no original).

No exemplo acima, confere-se então a noção aspectual de duração e pontualidade, conforme Travaglia (2016), visando distinguir os tempos do pretérito. No pretérito perfeito, conforme dito no Quadro 3, a ação verbal é passada e concluída; já no pretérito imperfeito, a ação verbal é passada e contínua. A partir dessa noção, os exercícios seguintes solicitam aos alunos que identifiquem, em outros enunciados, se se trata de ação concluída ou contínua. Apesar disso, a categoria *tempo*, sobretudo privilegiando as formas, prevalece sobre o *aspecto*. Ademais, os exercícios dos capítulos parecem priorizar a memorização das formas verbais, uma vez que o livro traz quadros

com o paradigma verbal, destacando, morfologicamente, tais formas, e, posteriormente, pede-se aos alunos que preencham um quadro com as formas verbais de cada tempo. Eis um dos grandes problemas do ensino de língua e dos livros didáticos: a priorização de atividades mecânicas que sobrepõem a forma ao sentido. Fazer o aluno identificar se esta ou aquela forma verbal pertence a um determinado tempo, modo e pessoa não o faz ser profícuo em suas práticas de leitura e escrita, as quais devem ser o objetivo primordial nas aulas de língua portuguesa.

O mesmo ocorre quando da abordagem do tempo futuro e sua subdivisão (futuro do presente e futuro do pretérito). Primeiramente, apresentam-se questões aos alunos para identificação das formas verbais, como se vê no quadro a seguir.

**Quadro 4.** Questões sobre tempo futuro.

1. Leia o trecho a seguir, extraído da reportagem “O que é que as moquecas têm? Veja as diferenças entre a baiana e a capixaba”, e observe os termos destacados.

**Dá** para usar outros tipos de panelas, o tempo de cocção é o mesmo e o sabor não **vai mudar** muito.

- a) As formas *dá* e *é* expressam a ideia de passado, presente ou futuro?
- b) A locução verbal “vai mudar” pode ser substituída por qual forma verbal?
- c) Que tempo essa forma verbal expressa?

2. Leia as duas frases abaixo:

Se usar outro tipo de panela, **o sabor não mudará muito.**

Se usasse outro tipo de panela, **o sabor não mudaria muito.**

Responda:

- a) Em qual dessas frases o verbo *mudar* indica uma ação que poderia ter acontecido posteriormente a uma situação no passado?
- b) E em qual das duas frases esse verbo expressa uma ação futura em relação ao momento presente?

**Fonte:** Oliveira e Araújo (2018, p. 237. Destaques no original).

A partir da análise das questões sobre o tempo futuro, observa-se mais uma vez a priorização da classificação do tempo. A distinção feita pelas autoras é que o futuro do presente expressa uma ação que “ocorrerá em um momento posterior ao que se está vivenciando” (OLIVEIRA E ARAÚJO, 2018, p. 238). Já o futuro do pretérito expressa uma “ação futura que ocorreria no passado” (idem). Essa definição pode parecer meio confusa para o aluno, sobretudo porque envolve dois tempos diferentes. Além disso, a definição deixou de ressaltar a relação que o futuro do pretérito estabelece com a noção de condição. No exemplo dado na questão 2 (“Se usasse outro tipo de panela, o sabor não mudaria muito”), essa relação de condição é percebida.

Outro problema que se observa no tratamento desses tempos verbais é o trabalho com frases, não com enunciados, não apenas por uma questão de nomenclatura, mas pelo fato de, ao se remeter a frases, as autoras não exploram os sentidos que são construídos a partir das formas verbais, pois, como afirma Culioli (1990), é no enunciado que a dinâmica de interações entre as unidades lexicais constroem a significação.

Com isso, encerra-se a análise do livro *Tecendo Linguagens*. Uma conclusão preliminar aponta para uma abordagem mais tradicional do verbo, mesmo que no texto de apresentação da obra, no Manual do Professor, afirme-se que se fará uma abordagem contextualizada. Agora, passa-se para a análise do segundo livro (*Apoema*), e, posteriormente, far-se-á um contraponto entre as duas abordagens.

Nos textos de apresentação da obra, no Manual do Professor, assume-se uma visão de língua em uso, tendo como um dos objetivos principais do ensino de língua portuguesa “a ampliação da competência comunicativa dos alunos” (TEIXEIRA et. al., 2018, p. X). Partindo dessa concepção, as autoras defendem o ensino dos conhecimentos linguísticos articulados com o texto, operando “efetivamente com a noção de língua em uso”. Sobre as atividades propostas no livro didático, as autoras afirmam:

As atividades propostas na coleção têm por objetivo central promover a autonomia e a participação efetiva dos alunos na reflexão e na consequente construção gradativa de conceito, comparações e conclusões que decorrem dos efeitos de sentido dos recursos linguísticos em uso nos textos que compõem as unidades e/ou que se relacionam aos gêneros ou aos temas em foco (TEIXEIRA et. al., 2018, p. XI).

### Sobre a visão de gramática, tem-se:

O intuito desta coleção é desenvolver uma visão de gramática como conjunto de regras e procedimentos que oferece as condições de produção de enunciados destinados à interação entre os falantes e à construção de múltiplos efeitos de sentido.

[...]

Trata-se de uma concepção de gramática que acolhe a diversidade e a variação (TEIXEIRA et. al., 2018, p. XI-XII).

Essas noções de língua e de gramática apresentadas serão comparadas com a abordagem sobre *verbo* que vem desde a Unidade 2, quando se fala em sujeito e predicado, porém não de forma explícita. Contudo, é na Unidade 3 e na Unidade 7 que há maior atenção ao *verbo*, incluindo seus tempos e modos. Na Unidade 3, na seção *Língua em foco*, inicia-se com um exercício que objetiva identificar, nos enunciados, a categoria *tempo* expressa pelo verbo e por outros elementos. Observe:



**Quadro 5.** Questões sobre tempo verbal.

- I. Leia alguns trechos de críticas publicadas na época do lançamento da peça de Maria Clara Machado, *Maroquinhas Fru-fru recebe uma serenata*, em 1961.
  - I. “Nos idos de 1951 Maria Clara Machado, Martim Gonçalves e outros inventaram e fundaram “O Tablado”. [...] Autores cientistas e técnicos foram lançados pelo Tablado. [...]”
  - II. “Hoje estreia “Maroquinhas Fru-fru”, de Maria Clara Machado, para a crítica dramática [...] no Teatro do Patronato da Gávea. [...]”
  - III. “[...] O Tablado, neste período comemorativo do seu 10º aniversário, dará vesperais aos sábados, às 5 horas, e domingo, às 3:30 e às 5 horas. Todos os sábados haverá, às 21 horas, uma sessão única e extraordinária [...]”
- a) A que tempo os fatos narrados se referem: presente, passado ou futuro?
  - b) Que verbos ou locuções verbais, em cada trecho, possibilitaram a identificação do tempo?
  - c) Que expressões de tempo, em cada trecho, ajudam a identificar o momento em que os fatos se passaram?
- [...]

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 103).

Observa-se que há um exercício que foca principalmente na identificação dos tempos e dos elementos de natureza verbal ou adverbial que expressam esse valor, como se vê nos itens *b* e *c*. Interessante notar que o exercício, sobretudo no item *c*, ressalta a existência de outras expressões que indicam tempo e não apenas o verbo. Retomando a análise do livro anterior sobre os valores referenciais de tempo (cf. Quadro 1) e, desde já, estabelecendo um comparativo entre os dois, conclui-se que o livro *Apoema* avança um pouco nesta noção de valores temporais marcados não só pelo verbo, mas também por advérbios ou locuções adverbiais, como em I, “Nos idos de 1951”; em II, “hoje”; em III, “aos sábados”, “domingo” e “todos os sábados”. Tais marcas temporais reforçam o valor de tempo e podem ser determinantes na classificação de um tempo verbal. Isso se vê, por exemplo, em um enunciado com a forma verbal “chega”. Ainda que essa forma faça referência, gramaticalmente, ao tempo presente, em

um enunciado como *Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil em 1500*, observa-se que o tempo semântico é passado, o que mostra que o valor temporal não é preestabelecido através de uma marca. Do mesmo modo, um enunciado, cuja forma verbal expresse o *tempo gramatical* presente, pode expressar o *tempo semântico* futuro com o uso de outras marcas temporais, como em *Amanhã a gente chega aí*. Isso justifica a importância de os livros didáticos ressaltarem as marcas temporais presentes no enunciado e explorarem a diferença entre *tempo gramatical* e *tempo semântico*.

Após o exercício mostrado no Quadro 5, tem-se, no livro didático, um quadro explicando como a categoria *tempo* ocorre e como ela pode ser classificada a partir do momento de referência. Veja:

**Quadro 6.** Explicação sobre tempo verbal.

Os acontecimentos são situados no tempo tendo como referência determinado momento, que pode ser o mesmo em que se fala/escreve ou outro. Os verbos são palavras que, por meio de mudanças em sua forma indicam ações, estados ou eventos no presente, no passado ou no futuro em relação a um momento de referência. [...]

Em “Nos idos de 1951 Maria Clara, Martim Gonçalves [...] e outros fundaram o Tablado”, o tempo do acontecimento (**fundar**) é passado em relação ao momento em que o texto foi escrito (1971), tomado como referência. Já em “Hoje estreia ‘Maroquinhas Fru-fru’”, o tempo do acontecimento (**estrear**) é o mesmo do momento presente em que se inscreve. Em “O Tablado [...] dará vesperais aos sábados”, o tempo do acontecimento (**dar**) é futuro em relação à temporada que se inicia naquele momento em que se escreve.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 103. Destaques no original).

Essa definição de tempo a partir do momento de referência é bastante pertinente, haja vista que se aproxima mais dos conceitos teóricos aqui discutidos, como propôs Corôa (2012). A análise que se faz dos enunciados mostra que as autoras levam em conta o tempo do acontecimento e o momento da enunciação (tomado como “momento em que se escreve”). Estabelecer um momento de referência facilita o entendimento do aluno, que irá analisar os enunciados e identificar o sentido do tempo linguístico.

Tal como no livro anterior, aqui há também exercícios que visam identificar o tempo linguístico, como se vê no quadro seguinte:

**Quadro 7.** Questões sobre tempo verbal em notícias.

6. Leia o título e o início da notícia a seguir sobre a morte de Maria Clara Machado.

30/04/01

**Maria Clara Machado**

Morre no Rio aos 80 anos.

Morre no Rio de Janeiro, aos oitenta anos, a escritora e teatróloga Maria Clara Machado. Ela sofria de leucemia e morreu em casa. O corpo vai ser velado no Teatro Tablado, no Rio.

- a. Que tempo verbal foi usado no título? E no primeiro parágrafo da notícia?
- b. Quando a notícia foi publicada Maria Clara Machado já tinha morrido?

7. Leia outros títulos e inícios de notícia.

**I. Peça de teatro estreia em Nova Iguaçu neste sábado**

Jornal de Hoje, 4 de out. 2017.

A Sala de Espetáculos Amir Haddad receberá nesse final de semana o espetáculo *Ricardo – um homem de seu tempo*.

**II. Mariana Lima encena aula-performance em “Cérebro Coração”**

Espectáculo fica em cartaz de 11 de maio a 17 de junho no Rio de Janeiro.

14/05/2018 14h48 Atualizado 14/05/2018 16h03

- a. Nos dois casos, em que tempo está o verbo do título da notícia?
- b. As ações anunciadas nos títulos já aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer?

8. Compare o tempo verbal do título da notícia da atividade 6 com os da atividade 7 e formule uma conclusão sobre os valores que ele pode indicar.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 104-105. Destaques no original).

No exercício anterior, pretende-se fazer o aluno entender que, geralmente, em notícias, usa-se a forma verbal de presente (tempo gramatical) para indicar o tempo passado, tempo presente ou tempo futuro (tempo semântico). Sendo o tempo gramatical o mesmo em todas as situações, o aluno deve entender que são os elementos do cotexto e do contexto que possibilitarão definir qual o tempo semântico, ou seja, de que tempo, de fato, se trata. Nesses exercícios, o aluno pode explorar outras marcas textuais, como a data da escrita da manchete e a data do evento. Consequentemente, torna-se possível a identificação dos tempos, conforme é pedido nos itens *a* das questões 6 e 7.

Na questão 6, por exemplo, em “Maria Clara Machado *morre* no Rio aos 80 anos”, o tempo do enunciado é passado, marcado pela semanticidade do verbo *morrer* e por entender que, geralmente, declara-se notícia de morte após ela ter ocorrido. Na questão 7, sobre as duas manchetes, pergunta-se, no item *b*, se as ações “já aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer”. O Manual do Professor indica que as duas manchetes expressam ações que vão acontecer. Isso pode ser percebido em “Peça de teatro *estreia* em Nova Iguaçu neste sábado” tanto pela locução adverbial “neste sábado” como também pela forma “receberá” no texto da notícia. Porém, em “Mariana Lima encena aula-*performance* em ‘Cérebro Coração’”, o enunciando não expressa uma ação que vai acontecer, como é dito no Manual, mas uma ação que está acontecendo, uma vez que a data da notícia está dentro do período em que as exposições da peça estão acontecendo.

Um ponto que merece ser destacado neste livro é a menção à categoria *aspecto* no momento da abordagem do tempo presente, conforme se vê no quadro seguinte:

**Quadro 8.** Explicação sobre o presente do indicativo.

O **presente do indicativo** refere-se a ações, estados ou eventos que têm como referência o momento em que se fala ou escreve. Os verbos no presente podem referir-se a aspectos diferentes: um momento definido, pontual (“**Pedimos** o seu apoio”), uma ação frequente, habitual (“Milhões de pessoas **passam** por ali”), um fato ou uma verdade universal (“Curso de água natural que **deságua** em outro rio, no mar ou num lago”).

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 220. Destaques no original).

Observa-se, no trecho anterior, que o livro aborda a noção de *aspecto* quando cita os diferentes sentidos que o presente pode indicar: ação pontual, frequente ou habitual. Desse modo, essa abordagem vai além do trabalho com a forma verbal que prioriza a classificação, diferentemente do livro *Tecendo Linguagens*, o qual não explicita essa noção aspectual no tempo presente, apenas no pretérito e no futuro. No entanto, analisando o exemplo do Quadro 8, *Pedimos o seu apoio*, vê-se a necessidade de outras marcas temporais ou de se explorar as condições em que tal enunciado poderia ser dito para indicar que se trata de tempo presente, visto que a forma verbal *pedimos* pode ter dois valores temporais e um aspectual. Se o enunciado recebe a marca *neste momento*, a forma verbal *pedimos* assume o valor temporal de presente, mas, na ausência de outra marca temporal que indique presente ou passado, como em “Ontem, pedimos seu apoio”, é necessário que se explore a situação em que tal enunciado é dito. Por exemplo, se um grupo de alunos chega para o professor de língua portuguesa e diz “pedimos seu apoio”, tem-se um valor temporal de presente. Porém, se esses mesmos alunos chegam para o professor de matemática e diz “Pedimos o apoio do professor de língua portuguesa”, tem-se aí um valor temporal de passado e um valor aspectual. A ausência de uma marca temporal articulada à forma verbal justifica a necessidade do cotexto e do contexto para a identificação do tempo semântico.

Uma observação em relação ao enunciado *Milhões de pessoas passam por ali*, apresentado no Quadro 8, é o fato de ter sido retirada, do enunciado,

a marca *Todo dia* presente no texto, a qual reforça o *aspecto*, designando ação frequente, que se repete diariamente. Sem ela, esse sentido fica comprometido. É possível também perceber mudança no valor temporal com a alteração de uma marca neste enunciado. Substituindo, por exemplo, a marca *Todo dia* por *neste momento* (*Milhões de pessoas passam por ali neste momento*), nota-se que o valor de ação habitual e frequente desaparece, e a noção temporal prevalece, pois o momento de referência (MF) e o momento da enunciação (ME) coincidem. Isso mostra que o valor temporal ou aspectual de uma forma verbal tem relação com a situação cotextual e contextual do enunciado, o que reforça que os valores não são preestabelecidos, mas construídos no e pelo enunciado, como observa Culioli (1990).

Ainda na análise do livro *Apoema*, observa-se outra menção à categoria *aspecto* no exercício sobre o tempo presente, sobretudo no item *d*. Veja:

**Quadro 9.** Questões com abordagem da categoria *aspecto*.

**4.** Releia mais um trecho do texto do Capítulo 1.

Todo dia, milhões de pessoas passam por ali, e esse ali está em todo lugar. São 25 quilômetros de descaso, sujeira e desrespeito. [...] Esse é o nosso rio? Podre, morto, imundo. É isso que os moradores de uma das maiores cidades do mundo chamam de rio? Não, nós não acreditamos nisso e pedimos o seu apoio.

- a. Que marco temporal aparece na primeira linha do trecho?
- b. Para responder ao próximo item, localize e observe todas as formas verbais usadas.
- c. Com base no que observou, a que período de tempo as formas verbais se referem?
- d. Analise o uso de cada forma verbal. Ele produz o mesmo efeito de sentido ao longo do trecho? Explique sua resposta.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 219).

Analisando, primeiramente, o item *a*, verifica-se que o objetivo é que o aluno identifique a marca temporal *Todo dia*, a qual reforça a noção aspectual. Seria interessante também, para um exercício de reflexão da

língua, mostrar para o aluno as mudanças de sentido causadas pelo uso ou não de tal marca, a fim de perceberem como o sentido é construído no e pelo enunciado, conforme dito anteriormente. Quanto aos itens *c* e *d*, observa-se um exercício de identificação das formas verbais, o que é comum ao livro *Tecendo Linguagens*.

O item *d* se refere às formas do presente e tenta fazer o aluno identificar os diferentes efeitos de sentido produzidos pelas formas verbais. Como resposta sugestiva ao professor, extraída do livro em análise, é dito o seguinte:

Em **passam**, indica-se uma ação frequente. Em **chamam**, nota-se esse sentido de algo que é habitual. Em ‘são 25 quilômetros [...]’, tem-se a indicação de como é o rio, fala-se de suas características. Nos demais casos, afirma-se algo relacionado ao momento de fala no presente: expressam-se opiniões e questiona-se sobre a situação do rio (‘esse é o nosso rio?’, ‘nós não acreditamos [...]'). Com o verbo **pedimos**, convocam-se os paulistanos para participar do movimento. Auxilie os alunos na análise do uso de cada forma verbal (TEIXEIRA et. al., 2018, p. 219. Destaques no original).

Com isso, percebe-se que o valor aspectual é levado em conta nessa análise. Cabe então ao professor não só reforçar em sala de aula, mas também explorar a construção e a desconstrução de valores com o uso das marcas linguísticas.

A mesma noção aspectual é abordada quando se trata dos tempos do pretérito tal qual no livro anteriormente apresentado. Aqui a distinção ocorre da seguinte forma: o pretérito imperfeito refere-se a uma ação passada de duração imprecisa, enquanto o pretérito perfeito refere-se a uma ação de duração pontual, conforme se vê a seguir:

**Quadro 10.** Questões sobre tempo pretérito.

e. Compare os trechos a seguir.

I. “Até os anos de 1930, não eram as praias ou as cachoeiras que faziam a cabeça dos paulistanos”.

II. “A deterioração da paisagem começou já na década de 1930, quando grandes obras de infraestrutura passaram a ser realizadas [...]”.

- Que formas verbais indicam um acontecimento concluído, pontual, e quais delas indicam continuidade no passado?
- De acordo com o que observou, que efeito de sentido o uso das formas verbais produz em I e em II?

f. Releia a notícia e compare os dois primeiros parágrafos e o último. Caracterize-os quanto às sequências que desenvolvem respondendo aos itens a seguir.

- Em qual(is) parágrafo(s) se faz a descrição de uma situação frequente, habitual no passado? Por quê?
- Em qual(is) parágrafo(s) se mostra a mudança de uma situação no tempo? Por quê?

[...]

O passado do modo indicativo realiza-se de diferentes formas. O pretérito imperfeito refere-se a uma ação no passado com duração imprecisa (eram, nadavam, passeavam), O pretérito perfeito refere-se a uma ação pontual que se completou totalmente no passado (começou, passaram).

Em geral, o pretérito imperfeito, que indica situações não concluídas e durativas, é o tempo verbal das sequências descritivas. Já o pretérito perfeito predomina nas sequências narrativas.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 220-221).

Além do pretérito, aborda-se também o tempo futuro. Ao apresentar o futuro do presente, as autoras destacam o uso das formas simples e locucional. Além de apresentar as formas, as questões tentam levar o aluno a entender o valor que elas têm no uso cotidiano. Isso é um ponto positivo, já que o conteúdo tenta mostrar as diferentes possibilidades de formação do futuro do presente em situações mais ou menos formais, conforme se vê a seguir:



**Quadro 11.** Questões sobre usos de formas verbais do futuro.

6. Releia o trecho final do abaixo-assinado do Capítulo 1.

Hoje, o que pode parecer um simples abaixo-assinado **se transformará** em um grande movimento com a sua ajuda. Mas isso só **vai acontecer** pra valer se você compartilhar essa ideia.

- a. Que tempo verbal as palavras em destaque indicam?
- b. Em seu cotidiano, quando fala sobre esse momento temporal, você costuma usar com mais frequência uma locução verbal ou um único verbo? Qual desses usos é mais formal?
- c. Que efeito de sentido o uso de cada uma dessas formas produz no trecho? Em sua resposta, tente explicar por que foram usadas no mesmo trecho, duas formas diferentes para se referir ao mesmo momento no tempo.

Para indicar uma ação ou evento posterior em relação ao presente, que ainda vai acontecer, usamos verbos flexionados no **futuro do presente**. As formas simples (“se transformará”) e a locução verbal (“vai acontecer”) costumam ser usadas em situações diferentes. É mais usual e informal, na comunicação diária, a expressão formada com o verbo ir (vai acontecer, vai se transformar etc.). O futuro simples é mais usado em textos escritos formais.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 221).

Enquanto o item *a* é meramente classificatório, os itens *b* e *c* tratam de questões mais aplicadas ao uso da língua quando questionam o aluno sobre quais usos a ele são mais familiares. Isso se coaduna com a proposta inicial do livro, como também vai ao encontro do que preconizam os documentos oficiais, como PCN e BNCC. Uma ressalva que deve ser feita é em relação ao uso das formas verbais em situações mais formais ou menos formais, como se questiona no item *c*. Conforme o Manual do Professor, espera-se do aluno que ele responda que *transformará* seja típico de uma situação mais formal, enquanto que *vai acontecer* seja peculiar ao uso menos formal. Contudo, já se observa que, em situações mais formais, o uso da locução verbal, como *vai acontecer*, também é muito frequente.

Quanto ao item *c*, que pergunta ao aluno sobre o efeito de sentido produzido pelas formas verbais, não fica claro como descobrir tal efeito e que tipo de sentido se refere. Porém, consultando o Manual do Professor, observa-se que se trata da dicotomia *formalidade x informalidade*, a qual já foi questionada quanto ao uso da locução verbal.

Por fim, vê-se, no quadro seguinte, a abordagem do tempo futuro e sua contextualização às práticas de uso da língua. Conforme se observará, as autoras tentam mostrar que a escolha de formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito podem, de certo modo, expressar formas mais ou menos polidas de se dirigir a alguém.

**Quadro 12.** Questões sobre usos de formas verbais do futuro.

[...]

b. Considere a oração: “Não sou comentarista de futebol”.

- Que tempo verbal é usado? O que essa oração indica sobre os comentários que virão na carta?

c. Em “**gostaria** de deixar minha impressão [...]”, a forma verbal indica um modo mais direto de falar, um modo mais polido de expressar algo, uma forma rude de se dirigir a alguém ou um uso desrespeitoso ao falar com alguém?

d. Compare os itens a seguir e responda: Que efeito de sentido cada uso produz? Explique sua resposta.

I. **Gostaria** de deixar minha impressão sobre a estreia do Brasil na Copa.

II. **Deixarei** minha impressão sobre a estreia do Brasil na Copa.

e. Se você fosse o autor da carta, escolheria a mesma forma verbal para expressar sua opinião sobre o jogo de futebol? Ou escolheria ser mais flexível? Ou mais rude? Pense em um tom para dar ao primeiro parágrafo da carta e escreva usando fórmulas que a deixem com o tom escolhido.

O **futuro do pretérito** é um futuro condicionado a uma ação localizada no passado. É usado também em certas fórmulas de cortesia, para expressar uma opinião e suavizar o que é dito, como em “**gostaria** de deixar minha impressão...”.

**Fonte:** Teixeira et. al. (2018, p. 222. Destaques no original).

O item *a* explora, mais uma vez, questões de identificações de tempos verbais. A resposta dada no Manual do Professor é de que se trata de tempo presente e que, com esse enunciado, adverte-se o leitor que os comentários que virão em seguida não são feitos por um profissional ou alguém com conhecimento técnico de futebol.

A resposta sugestiva ao item *d*, no Manual do Professor, afirma que “em I, usa-se um modo menos direto, mais polido e educado de expressar, uma opinião sobre algo. Em II, expressa-se uma opinião de modo mais direto, mais firme, mais assertivo” (TEIXEIRA et. al., 2018, p. 222). Quanto a esse efeito de sentido, o livro didático não analisa junto com o aluno, mas deixa a cargo dele e do professor a busca por esse sentido. Seriam interessantes exercícios de análises anteriores que mostrassem para o aluno essas possibilidades de construção de sentidos para, só então, passar-se para as questões.

Há também um ponto positivo na definição do futuro do pretérito: diferentemente do livro anteriormente analisado, traz-se a noção de condição como fator importante para o uso do futuro do pretérito e a possibilidade de usar tal forma como gesto de cortesia. No entanto, apesar de citar a relação de condição, não são apresentados exemplos que mostrem esse caso. Ademais, o livro em questão não traz quadros com as conjugações e os paradigmas verbais como também não há exercícios de conjugação de verbos, como no livro anterior. Isso representa também um avanço, pois há um abandono dos exercícios mecânicos de repetição que não levam ao desenvolvimento das habilidades de uso da língua nos mais diversos contextos.

## Conclusão

Este trabalho buscou analisar, à luz da perspectiva enunciativa, o tratamento dado à relação entre categorias *tempo* e *aspecto* em dois livros didáticos de língua portuguesa de 6º ano. Partiu-se do conceito de *tempo* proposto por Benveniste (2006), bem como da relação entre *tempo* e *aspecto*, fundamentada em Corôa (2005), Travaglia (2016) entre outros. A discussão

teórica permitiu entender que os sentidos dos tempos verbais não são preestabelecidos, mas construídos a partir do contexto e do cotexto, e que os valores de *tempo* e *aspecto* são indicados não só pelo verbo, mas também por outras marcas linguísticas que constituem o enunciado.

Partindo disso, fez-se a análise dos livros didáticos. Com ela, foi possível inferir que ainda há um privilégio da abordagem da categoria *tempo* em detrimento da categoria *aspecto*. Em se tratando das obras em análise, observou-se que permanecem exercícios de identificação e classificação de tempos verbais, sobretudo no livro *Tecendo Linguagens*, apesar de sua proposta de ensino contextualizado. Observou-se também que o volume *Apoema* foi aquele que mais avançou em termos de abordagens das categorias *tempo* e *aspecto*, ao apresentar questões que exploram o sentido provocado pelo uso das formas do presente e do futuro.

Cumprido ressaltar, portanto, que as atividades de classificação e identificação do tempo verbal ainda têm o seu lugar no ensino, porém não se deve parar por aí. O problema não são os exercícios que exigem do aluno o conhecimento dos tempos e modos verbais, pois esse conhecimento é necessário, mas a limitação à mecanicidade provocada por essas atividades. Espera-se, então, que o livro didático e o professor, mediador do ensino, extrapole esse tipo de abordagem, examinando as noções semânticas, utilizando textos reais e cotidianos e estabelecendo a relação entre *tempo* e *aspecto* verbal.

Certamente não se espera, em tais obras, uma teorização linguística densa, explanando teorias enunciativas como as que embasam essa investigação. No entanto, sugere-se que o livro didático aborde tais noções de forma que se aprofunde mais na reflexão linguística, mostrando como se dá a construção de sentidos. Por isso, neste trabalho, apontamos, em alguns momentos da análise, possibilidades de abordagens das questões que envolvem valores referenciais e construção de significado nos enunciados, com o objetivo de explorar ainda mais as potencialidades que envolvem a questão *tempo* e *aspecto* verbal.

Quanto ao tratamento da categoria *aspecto*, foi possível concluir que o livro *Apoema* introduz, com mais relevância, as noções aspectuais, não só nos tempos pretéritos, como no livro *Tecendo Linguagens*, mas também no tempo presente. A partir dessa constatação, percebe-se que já há materiais didáticos que contemplam a relação entre as duas categorias linguísticas, mesmo que de forma incipiente. Com isso, é possível que se inicie, desde as séries do Ensino Fundamental, uma reflexão semântica dos verbos, fazendo o aluno entender que os valores não são dados, mas construídos no e pelo enunciado.

## Referências

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

BRASIL. M. da E. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, M. H. C. **Tempo, aspecto e modalidade**. Porto Editora: Porto, 1997.

CASTILHO, A. T. de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: 1968.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005, p. 33-76.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation - opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990.

CUMPRI, M. L.; A contribuição da teoria das operações predicativas e enunciativas para o estudo da produção textual. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 01, n. 01, p. 8–25, jan./jun. 2012.

FERRAREZI JR, C. **O estudo dos verbos na educação básica**. Contexto: São Paulo, 2014.

FLORES, V. do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. Parábola: São Paulo, 2013.

NEVES, M. H. de M. **Gramática na escola: renovação do ensino da gramática; formalismo x funcionalismo; análise da gramática escolar**. São Paulo: Contexto, 1990.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. **Tecendo linguagens: língua portuguesa – 6º ano**. 5. ed. Barueri: IBEP, 2018.

SOUSA, Otilia da Costa e. **Tempo e aspecto: o imperfeito no corpus de aquisição**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

TEIXEIRA, L.; SOUSA, S. M. de; FARIA, K.; PATTRESI, N. **Apoema: português – 6º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

VARGAS, M. V. **O ensino do verbo: tempo e aspecto como categorias semântico-discursivas**. Linha D'Água, n. spe, p. 119-131, 27 set. 2010.

VOGÚÉ, S. de, FRANCKEL, J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.